

A CIDADE - 22-6-1967

ODILA MESTRINER

MOACIR DE ARAUJO

Odila Mestriner está expondo na Galeria de Artes Plásticas, uma serie de desenhos e colagens, últimos trabalhos seus, ainda não conhecidos do nosso público. Para nos, que la estivemos por dever do officio, trata-se de uma das melhores exposições individuais, aqui apresentada nestes últimos tempos. De fato, não é de todos os dias, o aparecimento de um artista, que sabe como abrir um espaço de sol, no conturbado panorama da arte moderna e cujo conflito maior, se nos parece, vem da impossibilidade de conciliar os desejos e impulsos naturais do indivíduo com as imposições necessárias do grupo. Alheia a esse conflito, mais alimentado por obscuros compromissos de consciência do que mesmo por um idealismo sagro, a arte de Odila Mestriner é limpida, portanto, porque a ela apenas lhe empresta a força do seu ser interior, na sua inquietação pura. Arte que não falando em desespero e solução em termos de assustar a gente, tem no belo, todo o segredo da sua comunicabilidade, neste apêlo vivo, neste grito de alerta à solidariedade humana.

Ao sentirmos a arte de Odila, Alfred Musset chega à nossa lembrança, numa das suas comédias. E' André Del Sarto, célebre pintor florentino do século XVI, quem fala, através da pena do poeta francês. Ouçamô-lo, porque é atual.

— Sois pintor, meu filho. Pois então seja muda a vossa boca e por vós fale a vossa mão. Entretanto, escutai-me Cesário. E' verdade que a natureza sempre se renova mas também fica sempre a mesma. Será daqueles que desejam que ela mude de cor? Que os seus bosques cambiem o seu verde lindo em azul? Ela não entende assim. Ao lado de uma flor que se fanou, nasce outra semelhante a ela e milhares de familias se reconhecem entre si, sob o rocio leve, aos primeiros raios do sol. Cada manhã o anjo da vida e da morte traz a mãe comum uma nova joia, mas todas essas joias se parecem. Que as artes procurem fazer como a natureza, pois elas só são grandes quando a imitam. Que cada século veja novos hábitos, novos pensamentos, novos ideais, mas que o gênio seja invariável como a beleza. Que mãos jovens e cheias de força e vida recebam das enrugadas e trêmulas mãos dos velhos e facho sagrado, e protejam dos ventos a chama divina, que atrayessará os séculos futuros como atravessou os passados! Compreendestes bem, Cesário? Agora vai trabalhar! Mãos a obra, que a vida é muito curta!

De modo especial, gostamos das colagens, técnica de expressão, que ainda não conhecíamos. Não é algo fácil, como a principio parece. Há o problema estético a enfrentar, sem prejuizo de uma mensagem audível ao público, livrando-se do simplório, do estupidamente vulgar. Aqui, Odila, com indiscutível elegância de arranjo, sabe como fazer vibrar a sua sensibilidade, rejuvenescendo palavras gastas, que já não abrem corações nem atingem inteligências. Uma linguagem técnica livre e arbitária sim, mas bem particularizada por efeitos que não se opõe a poesia, ao sentimento. Ou também, o esforço de harmonizar o universal com o particular, o sensível com o inteligível. Vimos e sentimos isso, e Odila Mestriner não nos confunde com a sua arte. De espirito independente trabalha e só, animada apenas pelo seu entusiasmo criador, sem ambições e dúvidas, honesta para consigo mesmo, portanto, honesta para com os seus semelhantes.